

# **A cerâmica islâmica no GHarb al-Ândalus**

Susana Gómez Martínez

Campo Arqueológico de Mértola

Rua da Igreja, 2

7750-338 Mértola



## RESUMO

Em Portugal, os estudos sobre cerâmica islâmica desenvolveram-se apenas desde os finais da década de setenta do século XX. Porém, os avanços realizados nestes últimos 25 anos foram significativos em determinadas regiões: são bastante bem conhecidos os repertórios cerâmicos do Algarve, de algumas áreas do Alentejo e da região em volta de Lisboa e de Santarém. No entanto, há extensas parcelas do Gharb al-Ândalus desprovidas de qualquer referência. Igualmente constatamos que a quantidade de estudos varia em função dos períodos cronológicos e dos temas. Neste horizonte, a síntese que aqui apresento é, evidentemente, provisória. Nela se apresenta o panorama geral dos conhecimentos adquiridos neste campo, uma caracterização dos tipos de cerâmica encontrada no Gharb al-Ândalus, de acordo com as suas técnicas e época de fabrico e de utilização, assim como a bibliografia disponível sobre o assunto.

## ABSTRACT

In Portugal, studies on Islamic ceramics have only been developed since the end of the seventies of the XX century. However, advances that have taken place in these last 25 years have been significant in certain regions: the ceramic repertoires of the Algarve, some areas in the Alentejo and in the region around Lisbon and Santarém are extremely well known. Nevertheless, there are extensive plots of land in the Gharb al-Ândalus without any reference. We are equally aware that the quantity of studies varies depending on the chronological periods and the subject matter. With this perspective the synthesis presented here is evidentially provisional. A general panorama of knowledge acquired in this field, a characterization of the types of ceramics found in the Gharb al-Ândalus, in accordance with its techniques and the period when it was made and used, are presented in it, as well as a bibliography available on the subject.



## 1. Introdução.

### Uma aproximação historiográfica

O período islâmico significou um importante salto qualitativo na evolução da cerâmica nos territórios que actualmente constituem Portugal. Porém, apenas nos últimos vinte anos foram desenvolvidos estudos monográficos que se ocupam especificamente deste tema. Nos anos oitenta, aos trabalhos pioneiros de José Luís de Matos (1983 e 1986), seguiram-se os estudos de Cláudio Torres e do Campo Arqueológico em Mértola (Torres, 1986, 1987 e 1988), de Rosa Varela Gomes (1988) em Silves, e de Helena Catarino (1988) no Algarve Oriental.

Mas o ponto de viragem nos estudos da cerâmica islâmica teve lugar com a celebração em Lisboa, em 1987, do IV Colóquio Internacional «A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental» e publicação das respectivas actas (Silva e Mateus, 1991). A esta seguiram-se outras reuniões científicas que dinamizaram fortemente este tipo de estudos. Tiverem singular importância as *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* de Tondela (1992, 1995, 1997 e 2000), pelo ritmo de incentivos que imprimiram ao estudo da cerâmica em geral, pese o atraso, nos últimos anos, das respectivas actas (Diogo, 1995; Diogo e Abraços, 1998; Abraços e Diogo, 2004). Em 1998 teve lugar o seminário *Lisboa encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos*, publicado como nº 7 da revista *Arqueologia Medieval*, e a exposição "*Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*", exibida no *Museu Nacional de Arqueologia* de Lisboa e em cujo catálogo (*Catálogo*, 1998) publicámos uma breve síntese sobre a cerâmica islâmica em Portugal.

Entre 2000 e 2001, o Projecto-piloto Portugal-Espanha-Marrocos dedicado a Ordenamento do Território e Património Cultural financiou um conjunto importante de projectos de investigação, seminários, exposições e publicações sobre o mundo islâmico, entre os quais destacamos, a título de exemplo, o Projecto "*Garb Sítios islâmicos do Sul Peninsular*" promovido pelo Instituto Portu-

guês do Património Arquitectónico e Arqueológico e pela Junta da Extremadura, de Espanha.

Porém este desenvolvimento da investigação ainda não foi suficiente para ultrapassar o seu atraso. Por um lado, existem áreas importantes do território do Gharb al-Ándalus que são ainda desconhecidas e, por outro, mesmo nas zonas sobre as quais possuímos informação, esta restringe-se, geralmente, a determinadas etapas cronológicas. O mapa dos achados de cerâmica islâmica (ver fig. ) está ainda quase completamente reduzido à metade sul do território português.

Descrevemos seguidamente um panorama geral da informação disponível.

Como já dissemos, no que diz respeito ao Algarve contamos com bastante informação. Escavações recentes no Castelo de Aljezur forneceram materiais de época almóada (Silva e Gomes, 2002) e, no mesmo concelho, os materiais de Ribat da Arrifana encaixam num arco cronológico alargado que vai do séc. VIII ao séc. XIII (Gomes e Gomes, 2004). No Castelo de Alferce (Monchique) foi encontrada uma sequência de materiais que abrangem tanto a Antiguidade Tardia como os primeiros séculos da ocupação islâmica (Meulemeester, Grangé, Dewulf, 2006). Também no concelho de Monchique, no Vale da Ribeira de Boina, foram encontradas cerâmicas islâmicas no Cerro do Castelo da Nave com cronologias entre os séculos X a XIII (Grangé e Dewulf, 2006).

O conjunto mais avultado, tanto em quantidade como em qualidade, é o de Silves, onde encontramos uma sequência completa de materiais desde a época emiral até à época almóada com uma grande variedade de formas, técnicas e motivos ornamentais (Gomes, 1988; 1991; 1995; Gomes e Gomes 1991; 2001, etc.).

No concelho de Albufeira foram documentadas cerâmicas de época almóada na própria vila (GOMES, 2002) e no castelo de Paderne (Catarino, 1994b; Catarino e Inácio, 2006).

Uma das primeiras estações com materiais islâmicos a ser conhecida foi o Cerro da Vila em Vilamoura (Matos, 1983; 1986; 1991). Nos níveis

islâmicos deste sítio encontramos um repertório variado do período emiral, califal e taifa. É especialmente relevante a presença neste sítio de um forno cerâmico (Matos, 1991a).

Conhecemos um repertório bastante completo dos materiais cerâmicos de Salir (Catarino, 1992a; 1992b; 1995; 1999/2000) e Loulé (*al-Ulya*). Trata-se, na sua maior parte, de objectos de época almóada, embora alguns elementos possam datar de época califal e taifa (Luzia, 1996; 2003; 2006).

Em Faro foram recolhidos materiais em grande número, mas ainda não foram publicados suficientes estudos pormenorizados. Conhecemos a colecção do Museu Municipal com peças que são, na maioria, de época almorávida e almóada (Paulo, 2000). Junto a Faro, a vila romana de Milreu teve um período de ocupação islâmica que forneceu algumas cerâmicas emirais (Teichner, 1994a).

Em Tavira foram encontradas cerâmicas de extraordinária relevância, embora algumas delas ainda não tenham sido publicadas. Para além dum impressionante vaso com representações de figuras humanas e animais (Torres, 2004), foram encontrados objectos ornamentados com pintura branca, em corda seca tanto total como parcial, e em verde e manganés (Maia e Maia, 2002; Covaneiro e Cavaco, 2003; Basílio, Neves e Almeida, 2006).

Em Cacela Velha, as escavações arqueológicas descobriram um importante conjunto de peças de época almóada mas também elementos anteriores, como os vidrados em verde e manganés (Álvaro, 2000; Gómez, 2003).

No Vale do Boto (Castro Marim), foram exumados materiais do período entre os séculos IX e XI: (Catarino *et Alii*, 1981; Catarino, 1988), e no concelho de Alcoutim foram encontrados materiais islâmicos em *Aldeia dos Mouros*, em Vaqueiros (Garnito, 1994), *Montinho das Laranjeiras* (Coutinho, 1993), *Castelo das Relíquias* e no *Castelo Velho de Alcoutim* (Catarino, 1994a; 1997/1998; 1999).

No Sul do Alentejo, há duas situações diferentes: a da costa alentejana, quase desconhecida, e

a do interior mineiro e de grandes planícies, onde foram encontrados bastantes sítios com cronologias islâmicas. O Castro da Cola, por exemplo, forneceu materiais islâmicos muito interessantes e com uma cronologia muito ampla mas mal estudados no seu conjunto (Gómez, 1998; Viana, 1959 e 1960). No vizinho concelho de Almodôvar só se conhecem os materiais, muito interessantes, provenientes de *Mesas do Castelinho* (Guerra e Fabião, 1991 e Fabião e Guerra, 1993). Também em Aljustrel foram documentados materiais datados entre os séculos IX e XIII, mas na sua maior parte trata-se de cerâmicas de época almóada (Estorninho *et Alii*, 1994).

No concelho de Mértola, foram estudados importantes conjuntos cerâmicos da própria vila, com cronologias entre o século X e XIII (uma perspectiva global em Gómez, 2006) e do sítio rural de Alcaria Longa que abrangem os séculos X a XII (Boone, 1992; 1993).

O nosso conhecimento da cerâmica de Beja, cabeça de cura, é muito reduzido em relação ao que seria de esperar. Abel Viana refere "cerâmica árabe" nas proximidades da muralha da cidade (Viana, 1945), mas apenas foram publicadas algumas peças datadas do século XII (Correia, 1991).

Em *Cidade das Rosas*, em Serpa, encontramos conjuntos cerâmicos com uma cronologia entre os séculos X e primeiras décadas do XIII (Retuerce, 1986) e um pouco mais a norte, a vila romana de *Monte da Cegonha*, no concelho de Vidigueira, forneceu cerâmica comum mal definida, datada entre os séculos XI e XII (Lopes e Alfenim, 1994). Também em Moura (Macias, 1993) e no castelo de Noudar (Barrancos), na actual fronteira entre Espanha e Portugal, se registaram materiais datados entre os séculos X e XII (Rego, 1994; 2003). Mais para norte, é muito pouco o que conhecemos. Apenas foram publicadas algumas cerâmicas de época califal e taifa de Juromenha (Correia e Picard, 1992) e de Évora (Teichner, 1994b).

É quase desconhecida a costa alentejana; apenas a partir de Alcácer do Sal, para norte, voltamos a ter informação, que se torna bastante abundante nos territórios próximos de Lisboa. Em

Alcácer do Sal foi encontrado um importante conjunto de peças de época almóada, mas também algumas de cronologia mais antiga (Carvalho e Faria, 1994; Paixão e Carvalho, 2001). É muito importante a informação sobre Palmela que recolhe uma sequência completa de objectos entre o período emiral e o século XIII (Fernandes, 1999; 2004; Fernandes e Carvalho, 1993; 1997). Na península da Arrábida também foram encontradas cerâmicas emirais e de época califal/taifa em vários sítios, entre os quais se destacam as escavações do Alto da Queimada, perto de Palmela (Fernandes, 2001). Por último, foi encontrada cerâmica islâmica em Almada (Barros e Henriques, 1997).

Nos últimos quinze anos, o conhecimento acerca da cerâmica de Lisboa progrediu enormemente, documentando-se louçaria de época califal, taifa e almorávida. O registo de fornos cerâmicos permitiu caracterizar as produções locais (Amaro, 1995; Bugalhão e Folgado, 2001; Bugalhão, Gomes e Sousa, 2003; Bugalhão e Gómez, 2005; Catálogo, 1994; Dias *et Alii*, 2001; Gaspar e Gomes, 2001; Gomes e Sequeira, 2001; Matos, 1994a; Matos, 1994b).

Em volta de Lisboa foram encontrados materiais islâmicos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991), Sintra (Coelho, 2000 e 2002) e Vila Franca de Xira (Banha, 1998).

Igualmente Santarém tem sido objecto de importantes investigações nos últimos anos. Estes estudos documentam materiais datados entre os séculos IX e meados do século XII (Arruda, Viegas e Almeida, 2002; Ramalho *et Alii*, 2001; Viegas e Arruda, 1999).

A Norte do Tejo foram encontrados alguns fragmentos de panela pintada com traços brancos no Castelo da Sertã (Batata, 2000), e em Torres Novas (Lourenço, 2002). Em Coimbra escavações recentes estão documentando níveis emirais e objectos importados, tais como louça dourada fatimida<sup>1</sup>. Levantam-nos muitas dúvidas os materiais publicados como islâmicos, provenientes de Tomar, que poderiam ser posteriores à conquista

cristã (Ponte, Ferreira e Miranda, 2002).

Em resumo, constatamos um conhecimento desigual e cronologicamente intermitente que, por enquanto, nos impede de estabelecer conclusões abrangentes, mas que permite adiantar algumas características gerais.

## **2. CaracterizaÇÃO da cerâmica islâmica do GHarb al-Ândalus**

### **2.1. a cerâmica emiral no GHarb al-Ândalus**

O nosso conhecimento da cerâmica dos primeiros séculos de domínio islâmico é muito reduzido, essencialmente pela ausência de informação estratigráfica. No entanto, podemos afirmar que a ruralização progressiva a que se assiste na Alta Idade Media deve ter conduzido ao colapso das produções romanas tardias, dando lugar a criações menos especializadas. Uma boa parte dos objectos cerâmicos utilizados eram fabricados em oficinas locais que utilizavam meios técnicos bastante pouco desenvolvidos. Os mercados urbanos eram demasiado restritos para permitir aos oleiros investir numa longa aprendizagem técnica. Domina a cerâmica comum, de reduzida diversidade tipológica e decorativa.

No que diz respeito à época emiral, nos últimos anos documentaram-se alguns objectos de fabrico manual que convivem com olaria ao torno de factura bastante grosseira. As pastas são, de forma geral, mal decantadas, com abundantes elementos não plásticos de grande tamanho e a cozedura realiza-se frequentemente em atmosfera redutora ou alternando a oxidação e redução. O repertório formal do século IX é muito reduzido, herdeiro das produções locais da Antiguidade Tardia, que evolui muito lentamente ao longo dos séculos X e XI. Registam-se alguns tipos de panela com perfil em forma de "S" ou ligeiramente troncocónicas, jarros, jarrinhas, tigelas e caçoilas em sítios como, por exemplo, Castelo de Alferce

<sup>1</sup> Informação fornecida pela Professora Doutora Helena Catarino, que agradecemos.

(Meulemeester, Grangé e Dewulf, 2006) ou Castelo de Palmela (Fernandes, 2004). A este período correspondem os candis de bico cumprido nos quais o bico ainda é pouco proeminente e o gargalo, que serve de funil, se encontra ainda pouco desenvolvido.

Pelo que diz respeito às técnicas ornamentais, a mais habitual é a pintura branca ou vermelha, traçada, geralmente, com linhas finas. Encontramos esta técnica ao longo de todo o período islâmico e mesmo depois da conquista cristã.

O vidrado constitui, nesta época, uma técnica luxuosa e extremamente rara. Trata-se de jarrinhos com decoração incisa sob o revestimento vítreo de tons melados, esverdeados ou achocolatados que devem ser considerados materiais importados do sudeste da Península Ibérica, região onde começaram a produzir-se a partir do século IX.

## **2.2. a cerâmica DE ÉPOCA CALIFAL e TAIFA**

Ao longo dos primeiros séculos de domínio muçulmano, o al-Ándalus recebe uma grande diversidade de influências vindas dos mais diversos territórios do Islão, que vão configurar, lentamente, uma produção cerâmica com características próprias, sensivelmente diferente da romana. A meados do século X, essa produção apresentava já características plenamente definidas e uma grande variedade técnica e ornamental. Os territórios do Gharb não foram pioneiros na introdução dos elementos e influências exógenas, como por exemplo o vidrado, mas a estabilidade política imposta pelo Califado de Córdoba permitiu um tráfego intenso de pessoas, mercadorias e técnicas que integrou o Ocidente Ibérico na grande síntese islâmica. Como é evidente, não deixaram de existir variantes nas formas e ornamentos regionais e locais, especialmente no que diz respeito à louça de cozinha. Mas é na segunda metade do século X que se inicia a difusão de técnicas de fabrico e decoração associadas a um programa iconográfico claramente omíada.

As produções manuais não são abandonadas

totalmente, mas os fabricos a torno e as cozeduras oxidantes ou alternando oxidação e redução dominam uma actividade cerâmica bastante desenvolvida. A informação disponível acerca da indústria da olaria do Garb al-Ándalus é muito escassa. Os vestígios mais importantes encontrados até agora são os escavados em Lisboa por Jacinta Bugalhão (BUGALHÃO e FOLGADO, 2001) e em Vilamoura por José Luís de MATOS (1991a).

No Gharb al-Ándalus a "imagem de marca" é a decoração com pintura branca. Aplica-se a quase todos os tipos de peças, normalmente sobre pastas vermelhas, mas também é frequente encontrá-la sobre pastas claras ou engobadas a vermelho ou castanho, por vezes quase preto. No que diz respeito aos temas ornamentais, dominam as linhas finas, sendo mais habitual o uso de traços espessos a partir do século XII. Trata-se de motivos simples: reticulados, dentados, fitomórficos, etc. Muitos utilizam conjuntos de três traços para formar composições radiais ou em faixas sucessivas.

A grande inovação introduzida nesta época é, sem dúvida, o vidrado. Não podemos atribuir a invenção do vidrado ao mundo islâmico. Esta técnica de revestimento das cerâmicas já era conhecida no mundo romano, mas era dispendiosa e, portanto, bastante rara. Devemos atribuir ao mundo islâmico a descoberta de técnicas de fabrico do vidrado mais baratas que permitiram a sua vulgarização. No sudeste da Península Ibérica, os vidrados plúmbeos monocromáticos, por vezes com motivos incisos sob o revestimento vítreo, eram produzidos já no século IX (Acién e Martínez, 1989), mas é no século X que se constata a grande difusão do vidrado no al-Ándalus e se desenvolvem técnicas de decoração em combinações bicromáticas e policromáticas.

Os vidrados bicromáticos não foram até à data objecto de estudos específicos. A investigação costuma centrar a sua atenção nas séries ornamentais mais ricas, como as esplendorosas produções policromáticas denominadas de Madḡnat al-Zahrḡ, de "verde e castanho" ou de "verde e manganés". As combinações bicromáticas mais

frequentes apresentam motivos geométricos ou epigráficos em preto ou castanho de óxido de manganés sob um revestimento cor de mel ou sobre branco. Também existem outras combinações, como o verde e manganés (sem branco), o melado e verde, e o branco e verde, mas são extremamente raras.

A combinação cromática com maior difusão e persistência é o "melado e manganés". Neste caso a decoração é aplicada com óxido de manganés sob uma camada de vidrado melado. Os motivos mais frequentes consistem em combinações de círculos e arcos tangentes ou secantes, temas epigráficos ou pseudo-epigráficos, e representações esquemáticas de flores de loto e palmetas.

A combinação de "branco e preto" possui uma cronologia mais restringida aos séculos X e XI (Branco, 1991), embora persistam exemplos esporádicos desta técnica nos séculos XII e XIII. Os motivos representados, no geral, diferem pouco dos que se encontram no melado e manganés, distinguindo-se pela localização da decoração apenas numa parte da peça - no centro ou de lado - e o domínio absoluto da epigrafia e da pseudo-epigrafia sobre outros temas ornamentais.

No que diz respeito à técnica de vidrado policromático, o denominado "verde e manganés", as primeiras produções deste tipo na Península Ibérica devem ser associadas ao Califado omíada. Mas a combinação de branco, verde e manganés não é o único tipo de combinação policroma do período califal e taifa (séculos X-XI): por vezes, o amarelo de antimónio junta-se a esta combinação cromática. Em outros casos, um revestimento de cor de mel substitui o fundo branco (Gómez, 1994).

Os motivos são muito variados e contêm uma forte carga simbólica. Os mais espectaculares são os antropomórficos (Fernandes, 1999) e zoomórficos, mas os mais abundantes são os fitomórficos, com diversas representações de palmetas, flores de loto e "pinhas", que formam um vasto leque de composições radiais, em faixas únicas ou sucessivas, em anéis concêntricos, etc. São também abundantes as representações dum entrelaçado que simboliza o "Cordão da Eternidade"

e a epigrafia dominada pelos enunciados *baraka* (bênção) e *al-mulk* (o poder).

O verde e manganés é considerado o antecedente da corda seca, cuja origem deve procurar-se no século IX no Próximo Oriente (Déléry e Gómez, 2006), mas na Península Ibérica surge apenas no século XI. Na corda seca, um traço de manganés define os contornos do motivo ornamental configurando pequenas parcelas que se preenchem com óxidos de diferentes cores. Esta linha é a "corda" que durante a cozedura não vitrifica, dificultando que os óxidos em estado líquido se misturem entre si. A superfície da peça pode ficar totalmente revestida de vidrado (corda seca total) ou preencher apenas algumas partes do desenho, deixando outras partes da superfície por vidrar (corda seca parcial).

Tudo indica que ambas as técnicas (corda seca total y parcial) iniciaram o seu fabrico no al-Ándalus no século XI, difundindo-se rapidamente. No Gharb parece ter uma difusão mais ampla do que o verde e manganés, especialmente na zona do Tejo. Esta técnica foi predominante ao longo do século XII, em detrimento do vidrado policromo simples (o verde e manganés) que, porém, não chega a desaparecer totalmente.

## 2.2. O período africano

A partir de finais do século XI surgem elementos novos que vão conduzir a mudanças importantes na cerâmica islâmica do al-Ándalus. Durante o período de domínio das dinastias africanas de almorávidas e almóadas, a cerâmica possui características morfológicas, técnicas e iconográficas sensivelmente diferentes das que encontramos em época omíada. Nos últimos anos, o conhecimento arqueológico da região de Lisboa e Santarém tem contribuído poderosamente para caracterizar a cerâmica de época almorávida, subsistindo algumas lacunas especialmente no que diz respeito aos momentos iniciais do século XII. Neste período inicial devem ter convivido características próprias da cerâmica omíada com alguns dos elementos novos que caracterizarão a cerâmica de época almóada.

No que diz respeito às técnicas de fabrico, verificamos uma melhor adaptação das características técnicas dos objectos à função que desempenhavam. Assim, aumenta a presença de pastas brancas, calcárias, nos recipientes destinados a transportar ou armazenar água e a apresentá-la na mesa (potes, cântaros, jarras e jarrinhas). Estas pastas, porosas e muito resistentes, são mais eficazes na conservação da água.

Outras técnicas de fabrico mais "toscas" eram aplicadas a peças associadas ao fogo, requerendo elementos refractários especiais. Trata-se, por exemplo, de alguns braseiros com elementos não plásticos de grandes dimensões que permitiam diminuir o choque térmico. O tamanho destes desengordurantes obrigava a utilizar fabricos manuais ou a torno lento, a fim de não ferir os dedos do oleiro.

Para impermeabilizar algumas peças de cozinha, especialmente as caçoilas e os alguidares, utiliza-se o brunido, que se torna mais frequente do que no período omíada, mas a novidade é a aplicação de vidrado nas formas de cozinha (painéis e caçoilas). Em época califal, já se aplicavam revestimentos vítreos neste tipo de peças em outras regiões, mas não no Gharb al-Ândalus.

No que diz respeito às formas, a primeira tendência constatada nas distintas regiões de al-Ândalus por vários autores (ver por exemplo Retuerce, 1998; Lafuente, 1999) é o aumento na especialização funcional dos objectos cerâmicos. Esta tendência vai crescendo progressivamente desde época emiral, mas intensifica-se fortemente neste momento. Muitas formas adquiriram elementos morfológicos peculiares como bicos, filtros e apêndices que as adequavam a determinados usos específicos. Continuaram a existir, como é evidente, objectos polifuncionais que conviviam com outros mais especializados. Em consequência de tudo isto, a tipologia de época almorávida, e ainda mais a almóada, é sumamente complexa, com mais de vinte tipos genéricos, quase todos eles com numerosas variantes tipológicas.

A especialização que se constata arqueologicamente no espólio cerâmico também foi detec-

tada no vocabulário árabe que conhecemos através dos glossários e livros de cozinha da época, como demonstrou em varias ocasiones Rosselló (1991, 1992). Este autor verificou que o número de termos árabes utilizados para referir objectos cerâmicos em época almóada era bastante mais elevado do que em períodos anteriores. É plausível que essa especialização terminológica tivesse correspondência numa especialização formal e funcional dos utensílios, especialmente se tivermos em conta que o território islâmico era bastante mais reduzido do que em séculos anteriores e era menos provável a existência de diferenças de léxico entre unas regiões e outras.

Esta diversificação formal estava ligada, frequentemente, a uma certa standardização das formas no conjunto al-Ândalus, em virtude da qual é possível encontrar objectos de uso particular com formas idênticas, ou muito semelhantes, em extremos opostos de al-Ândalus de forma sincrónica. A título de exemplo referiremos dois objectos, o tinteiro e o fanal, que surgem com tipologias semelhantes em sítios arqueológicos de pontos opostos da Península: em Mértola e na Torre Grossa de Jijona em Alicante (Azuar, 1985; Gómez, 2006). É difícil determinar se estes paralelismos eram fruto do comércio de objectos, ou se se tratava de uma difusão generalizada dos conceitos, factores que, por outro lado, estão fortemente unidos. No caso das formas mais frequentes, como tigelas, bilhas, jarrinhas, tripés ou candis, sem dúvida a homogeneidade morfológica não pode ser atribuída exclusivamente ao comércio. A reprodução dos mesmos modelos em diversas oficinas locais e regionais deve ter jogado um papel crucial neste processo.

Mas, junto à standardização das formas, encontramos também a coexistência de estes utensílios com tipos exclusivamente regionais e a continuidade de formas antigas, fenómeno arcaizante muito característico e persistente do Gharb al-Ândalus. Estas características são evidentes especialmente em caçoilas e marmitas. Nestes tipos as distintas formas tinham âmbitos de distribuição espacial bastante mais reduzidos. A

maior parte das marmitas deste período variava de uma zona para outra, embora algumas formas estivessem presentes em grandes regiões, como por exemplo as caçoilas com aplicações plásticas verticais, usadas, pelo menos, na metade ocidental do al-Ándalus.

Em Mértola, por exemplo, encontramos duas formas de panela dominantes: a panela globular com colo cilíndrico pouco desenvolvido e a panela de corpo troncocónico. A primeira aparece em outras zonas do ocidente peninsular, enquanto a segunda apenas foi detectada, até agora, em Mértola. No Algarve constatamos também esse primeiro tipo globular, e surge uma segunda forma regional caracterizada por um corpo ovoidal mais esbelto e uma pronunciada carena, menos habitual nos sítios alentejanos (Catarino, 1992b, Luzia, 2003; Álvaro, 2000).

No que diz respeito à decoração, vários autores constatarem uma mudança generalizada no gosto cromático. A policromia, dominante nos períodos califal e taifa, é muito menos utilizada em época almóada. Tornam-se mais frequentes as combinações cromáticas de duas cores e a monocromia. Esta mudança levou a um aumento da utilização de técnicas ornamentais com recurso ao relevo: o estampilhado, a incisão e o molde. Talvez deva relacionar-se esta mudança com a maior utilização da corda seca parcial em detrimento da corda seca total.

A maior parte das técnicas usadas no período omíada continua em uso em época almóada, embora algumas se tornem menos frequentes como, por exemplo, o verde e manganés que, contrariamente ao que se pensou durante algum tempo, se documenta no século XII em várias regiões do al-Ándalus como, por exemplo, Calatrava la Vieja (Retuerce e Juan, 1999) ou Mértola (Gómez, 1994).

A combinação de melado e manganés continua a dominar os revestimentos vidrados. Os mesmos temas do período anterior aplicam-se a variantes tipológicas novas. Em Lisboa (Gomes e Sequeira, 2001) e no Baixo Guadiana encontra-se uma variante decorativa invulgar que apresenta

pequenos motivos estampilhados sob o revestimento vidrado em bicromia. Muito mais frequentes são os motivos estampilhados aplicados sob uma camada de vidrado monocromático verde ou melado. Por vezes, temas incisos (geométricos ou fitomórficos) substituem os estampilhados. A incisão e o estampilhado encontram-se também sem revestimento vítreo em jarrinhas, fogareiros, alguidares, talhas e tampas.

Assistimos também a um certo renascimento da decoração moldada. Normalmente os moldes são aplicados sobre jarras e jarrinhas previamente levantadas em roda de oleiro, que podem ser revestidas de engobe vermelho ou de vidrado com motivos decorativos em reflexo metálico. Esta última técnica aparecia pontualmente em época califal como importação oriental do Egipto Fatimida. A partir do século XII, este tipo de cerâmica, também designada como louça dourada, é produzido no al-Ándalus y aparece com uma maior frequência em contextos domésticos do Sul de Portugal.

A decoração pintada (a branco, preto ou vermelho) domina tanto no vasilhame de cozinha como na louça de mesa onde agora vai deixar de ser dominante. Por vezes, esse tipo de ornamentação serve como complemento a figuras coroplásticas de animais e, inclusive, de pessoas. O Vaso de Tavira constitui o exemplo mais espectacular deste tipo de ornamentações (Torres, 2004).

No que diz respeito à distribuição espacial das produções, ainda existem muitas dúvidas derivadas do reduzido número de oficinas conhecidas. De facto, até agora, a única estrutura de produção de época almóada publicada em Portugal é o forno da Rua 25 de Abril de Mértola (Gómez, 2006). No entanto, parece certo que as técnicas ornamentais mais simples, como a pintura em branco, vermelho ou preto, os vidrados monocromáticos, o estampilhado ou a incisão foram produzidos em praticamente todas as oficinas regionais. Não parece ter acontecido o mesmo com técnicas mais depuradas como a louça dourada, o esgrafitado ou o molde.

Designa-se por esgrafitado uma técnica que consiste em aplicar uma camada de pintura preta

sobre uma extensa superfície da peça e, posteriormente retirar com um instrumento aguçado partes dessa pintura, ficando o desenho em negativo. Esta técnica aplica-se também sobre superfícies revestidas de reflexo metálico. O esgrafitado aplicado em pintura preta é bastante frequente na costa Leste peninsular (Navarro, 1986; Flores, Muñoz e Lirola, 1999), mas no Gharb al-Ándalus, até à data, foi encontrado um número muito reduzido de fragmentos. A sua diminuta representação e difusão espacial indica que é fruto do tráfico comercial que as fontes escritas documentam (Picard, 1997; Constable, 1997). Existem as duas técnicas conhecidas, o esgrafitado simples e a técnica mista que combina a decoração a preto, em negativo, com o vidrado monocromo a modo de corda seca parcial em Alcácer do Sal (Paixão e Carvalho, 2001) e em Mértola (Torres et Alii, 1991b; Gómez, 2001).

No que diz respeito à louça dourada, o debate sobre o início de sua produção na Península Ibérica continua em aberto. As evidências arqueológicas apontam para o desenvolvimento desta técnica a partir do século XII, atingindo uma elevada difusão em época almóada. Neste período, vários centros produtores tiveram condições para fabricar este tipo de cerâmica. Para além de Málaga, Almería e Murcia, referidos nas fontes escritas (embora apenas os dois últimos confirmados arqueologicamente –Flores, Muñoz e Lirola, 1999; Navarro, 1986c–), produziu-se este tipo de cerâmica em Jerez de la Frontera (Martín et Alii, 1987-88), em Calatrava la Vieja (Zozaya, Retuerce e Aparicio, 1995) e, possivelmente, em Mértola (Gómez, 2003).

No ocidente apareceu louça dourada em Silves (Gomes, 1991; Gomes e Gomes, 2001), em Mértola (Gómez, 1997), em Alcácer do Sal (Paixão e Carvalho, 2001) e em Coimbra, onde, segundo comunicação oral de Helena Catarino (que agradecemos), se trataria de importações fatimidias.

Numa breve revisão da iconografia presente no Gharb, encontramos a maior parte dos motivos constatados em outras regiões de al-Ándalus, mas podem apreciar-se algumas diferenças, por

exemplo, no que diz respeito aos motivos antropomórficos. A mão de Fátima tem uma marcada presença, sobretudo em peças estampilhadas (Khwli, 1994), mas conhecemos apenas outra peça almóada com motivos antropomórficos, o *cantil de Silves* (Bento, 1998), cujo estilo de execução não pode ser comparado com as delicadas peças de Mércia. No caso da cidade algarvia, os guerreiros representados em ambos os lados do cantil são desenhados de forma tosca, com vigorosos traços de manganés delimitando o seu contorno.

Verificamos que a austeridade a nível cromático não corresponde a qualquer austeridade iconográfica nem das composições ornamentais. Observamos uma enorme profusão de motivos, especialmente nas formas fechadas. Nas formas abertas a complexidade é menor, com exceção do reflexo metálico e dalguns vidrados em melado e preto de manganés, com estilo peculiar, de entrelaçados rectilíneos e de epigrafia profusamente ornamentada com temas fitomórficos.

### 3. Bibliografia

- Abraços, H.; Diogo, J. M., eds. (2004) - *III<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- Ación, M.; Martínez, R. (1989) - «Cerâmica islâmica arcaica del sureste de al-Andalus». *Boletín de Arqueología Medieval*. ISSN 0213-6090. N.º 3 (1989) pp. 123-135.
- Álvaro, R. (2000) - «Cerâmica almohade de Cacela Velha: primeiros avanços». In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular - Vol. VII Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. ISBN 972-98807-0-0. Pp. 453-464.
- Amaro, C. (coord.) (1995) - *Núcleo Arqueológico Rua dos Correiros. Catálogo*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) (2002) - *De Scalabis a Santarém. Catálogo a exposição*. Lisboa: Instituto Português de Museus. ISBN 972-776-131-3. 215 p.
- Azuar R. (1985) - *Castillo de la Torre Grossa (Jijona)*. Alicante: Museo Arqueológico Provincial. ISBN 84-505-2388-5. 125 p.
- Banha, C. (1998) - «As cerâmicas do Alto Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar». *Cira. Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. ISBN 972-8241-12-7. N.º 7 (1995-1997) pp. 75-109.
- Barros, L.; Henriques, F. (1997) - «Cerâmicas medievais da Rua da Judiaria – Almada». In *Resumos das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela 28 a 31 de Outubro*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela (policopiado).
- Basilio, L.; Neves, M. J.; Almeida, M. (2006) - «Os materiais cerâmicos da "Lixeira 2" da "Pensão Castelo" - Novos dados sobre a ocupação islâmica de Tavira». *Xelb. Silves*. ISBN 972-8505-16-7. N.º 6 (2006) vol. II pp. 105-114.
- Batata, C. (2000) - «Presença árabe no Castelo da Sertã (Centro de Portugal)». In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular - Vol. VII Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. ISBN 972-98807-0-0. Pp. 435-447
- Bento, A. (1998) - «68. Cantil. Cerâmica Pintada». In *Portugal Islâmico os últimos sinais do Mediterrâneo. Catálogo da exposição*. Lisboa: Instituto Português de Museus. ISBN 972-776-000-7. 104 p.
- Boone, J. (1992) - «The first two seasons of excavations at Alcaria Longa: A Califal-Taifal period rural settlement in the lower Alentejo of Portugal». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 2 (1992) pp. 51-64.
- Boone, J. (1993) - «The third season of the excavations at Alcaria Longa». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 2 (1993) pp. 111-126.
- Branco, A. (1991) - «Cerâmica estanhada de Mértola com decoração a manganês». In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Pp. 539-556.
- Bugalhão, J.; Folgado, D. (2001) - «O Arrabalde Ocidental da Lisboa Islâmica: urbanismo e produção oleira». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 7 (2001) pp. 111-145.
- Bugalhão, J.; Gomes, A. S.; Sousa, M. J. (2003) - «Vestígios de produção oleira islâmica no núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 8 (2003) pp. 129-191.
- Bugalhão J. e Gómez, S.: «Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico». In *Actas do Seminário Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Palmela / Porto: Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. ISBN 972-8497-36-9. Pp. 237-262
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (1991) - «Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais». In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Pp. 575-585
- Carvalho, A.; Faria, J. C. (1994) - «Cerâmicas muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 3 (1994) pp. 101-111.
- Catálogo, (1994) - *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Catálogo (1998) - *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Instituto Português de Museus. ISBN 972-776-000-7.

- Catarino, H.; Arruda, Ana; Gonçalves, Vítor (1981) - «Vale do Boto: Escavações de 1981 no complexo árabe/medieval». *Clio-Revista do centro de História da Universidade de Lisboa*. vol. III (1981) pp. 9-27.
- Catarino, H. (1988) - *Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental (Concelhos de Alcoutim e Castro Marim)*. Coimbra: Trabalho de sínteses apresentado à Faculdade de Letras de Coimbra como prova de aptidão pedagógica e capacidade científica.
- Catarino, H. (1992a) - «A fortificação muçulmana de Salir (Loulé). Primeiros resultados arqueológicos». *Al-'Uliá*. Loulé. ISSN 0872-2323. Nº 1 (1992) pp. 9-51.
- Catarino, H. (1992b) - *Cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*. Loulé: Museu Municipal de Arqueologia.
- Catarino, H. (1994a) - «Arqueologia Medieval no Algarve Oriental. Os Castelos de Alcoutim». In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla, 1993*. Huelva: Universidad de Huelva. ISBN 84-604-9615-5. Pp. 657-671.
- Catarino, H. (1994b) - «O Castelo de Paderne (Albufeira: resultados da primeira intervenção arqueológica». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. Nº 3 (1994b) pp. 73-88.
- Catarino, H. (1995) - «O Castelo de Salir: Resultados da escavação dos silos». *Al-Ulyá*. Loulé. ISSN 0872-2323. Nº 4 (1995) pp. 9-30.
- Catarino, H. (1997/1998) - «O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados». *al-'ulyā*. Loulé. ISSN 0872-2323. Nº 6 (1997/1998) 3 vols., 1306 pág.
- Catarino, H. (1999) - «Cerâmicas omíadas do Garbe al-Andaluz: resultados arqueológicos no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Alcoutim)». *Arqueología y territorio medieval*. Jaén. ISSN 1134-3184. Nº 6 (1999) pp. 113-132.
- Catarino, H. (1999-2000) - «O Castelo de Salir: escavações da campanha de 1998». *al-Ulyá*. Loulé. ISSN 0872-2323. Nº 7 (1999-2000) pp. 77-128.
- Catarino, H.; Inácio, I. (2006) - «Vestígio do urbanismo islâmico no Castelo de Paderne: Uma primeira abordagem». *Xelb*. Silves. ISBN 972-8505-16-7. Nº 6 (2006) vol. I, pp. 281-298.
- Coelho, C., (2000) - «A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada». *Revista Portuguesa de Arqueologia* Lisboa. ISSN 0874-2782. Vol. 3, nº 1 (2000) pp. 207-225.
- Coelho, C. (2002) - «O Castelo dos Mouros (Sintra)». In *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (5000-1500)*. *Actas sobre o Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa / Plamela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. ISBN 972-772-308-X. Pp. 339-395
- Constable, O. (1997) - *Comercio y comerciantes en la España musulmana. La reordenación comercial de la Península Ibérica del 900 al 1500*. Ediciones Ómega: Barcelona.
- Correia, F. (1991) - «Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja». In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa, 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Pp. 373-385.
- Correia, F.; Picard, C. (1992) - «Intervenção arqueológica no Castelo de Juromenha. Primeiros resultados». *Arqueologia Medieval* Porto. ISSN 0872-2250. Nº 1 (1992) pp. 71-89.
- Covaneiro, J.; Cavaco, S. (2003) - «Tavira Islâmica. Uma aproximação à vida quotidiana». In *Tavira. Território e Poder. Catálogo da exposição*. Lisboa-Tavira: Museu Nacional de Arqueologia e Câmara Municipal de Tavira. ISBN 972-776-180-1. Pp. 163-167
- Coutinho, H. (1993) - «Cerâmica muçulmana do Montinho das Laranjeiras». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. Nº 2 (1993) pp. 39-54.
- Déléry, C.; Gómez, S. (2006) - «Algunas piezas orientales y el problema del origen de la técnica de cuerda seca». In *Actas del Seminario Internacional "Al-Ándalus Espaço de Mudança"*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-26-7. Pp. 148-160.
- Dias et Alíi, (2001) - «Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica». In *Garb Sítios islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa / Mérida: IPPAR / Junta de Extre-

madura. ISBN 972-8087-91-8. Pp. 257-281.

Diogo, J. M. ed. (1995) - *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela.

Diogo, J. M.; Abraços, H. eds. (1998) - *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela [22 a 25 de Março de 1995]*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela.

Estorninho, A. et alii (1994) - «O povoamento da área de Aljustrel. Seu enquadramento na faixa piritosa alentejana». In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla, 1993*. Huelva: Universidad de Huelva, 1994. ISBN 84-604-9615-5. Pp. 27-36

Fabião, C.; Guerra, A. (1993) - «Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelinho (Almodovar)». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 2 (1993) pp. 85-102.

Fernandes I. C. (1999) - «Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do Castelo de Palmela». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 6 (1999) pp. 79-99.

Fernandes I. C. (2001) - «A Península de Setúbal em época islâmica». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 7 (2001) pp. 185-196.

Fernandes I. C. (2004) - *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. ISBN 972-772-472-8.

Fernandes I. C.; Carvalho A. (1993) - *Arqueologia em Palmela, 1988/1992: Catálogo da exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1993. ISBN 972-95152-9-8.

Fernandes I. C.; Carvalho A. (1997) - «Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Palmela». In *VI Colloque International sur la Céramique Médiévale in Méditerranée, Aix-en-Provence, 1995*. Aix-en-Provence : Narrations Editions, 1987. ISBN 2 9009825-11-6. Pp. 327-335.

Flores, I.; Muñoz, M<sup>a</sup> M.; Lirola, J., (1999) - «Las producciones de un alfar islámico en Almería». *Arqueología y territorio medieval*. Jaén. ISSN 1134-

3184. N.º 6 (1999) pp. 207-240.

Gamito, T. (1994) - «O povoamento islâmico da serra do Caldeirão. O caso da Aldeia dos Mouros (Vaqueiros, Alcoutim)». In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla, 1993*. Huelva: Universidad de Huelva, 1994. ISBN 84-604-9615-5. Pp. 545-563.

Gaspar, A.; Gomes, A. (2001) - «Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 7 (2001) pp. 95-102.

Gomes, A.; Sequeira, M.J. (2001) - «Continuidades e descontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: escavações arqueológicas na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 7 (2001) pp. 103-110.

Gomes, R. (1988) - *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, Xelb*, 1. Silves.

Gomes, R. (1991) - «Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalistas, do Castelo de Silves (peças esmaltadas, policromas e de reflexo metálico)». *Estudos Orientais*. Lisboa. Vol. II, (1991) pp. 13-39.

Gomes, R. (1995) - «Cerâmicas muçulmanas, de Silves dos séculos VIII e IX». In *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. Pp. 19-29.

Gomes, R.; Gomes, M. (1991) - «Cerâmicas Almodadas do Castelo De Silves». In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa, 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Pp. 387-403.

Gomes, R.; Gomes, M. (2001) - *Palácio Almoada da Alcáçova de Silves*. Lisboa: Instituto Português de Museus. ISBN 972-776-100-3.

Gomes, Rosa Varela; Gomes, Mário Varela (2004) - «O Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve). Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. ISSN 0874-2782. Vol. 7, nº 1 (2004) pp. 483-573.

Gómez, S. (1994) - «La cerámica de verde y morado de Mértola». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN

0872-2250. Nº 3 (1994) 113-132.

Gómez, S. (1997) - «A loiça dourada de Mértola». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. Nº 5 (1997) pp. 137-162.

Gómez, S. (1998) - «Cerâmica de verde e mangânês do Castro da Cola». In *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo, Tondela, [22 a 25 de Março de 1995]*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. Pp. 57-65.

Gómez, S. (2001) - «A cerâmica islâmica de Mértola». In *Museu de Mértola. Arte Islâmica*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-17-8. Pp. 63-69.

Gómez, S. (2003) - «Producciones cerámicas en la Mértola Islâmica». In *Actes du VII<sup>ème</sup> Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999*. Athènes: Ministère de la Culture. ISBN 960-214-057-7. Pp. 653-658.

Gómez, S. (2006) - *Cerâmica Islâmica de Mértola: producción y comercio* [Recurso electrónico]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. ISBN: 84-669-2568-6. [http://cisne.sim.ucm.es/search\\*spi~S7/a?SEARC H=G%F3mez+Mart%EDnez%2C+Susana](http://cisne.sim.ucm.es/search*spi~S7/a?SEARC H=G%F3mez+Mart%EDnez%2C+Susana)

Grangé, M.; Dewulf, J. (2006) - «O Cerro do Castelo da Nave (Monchique) - Imagem de superfície de um assentamento islâmico no Vale da Ribeira de Boina». *Xelb*. Silves. ISBN 972-8505-16-7. Nº 6 (2006) vol. II, pp. 87-104.

Guerra, A.; Fabião, C. (1991) - «O povoado fortificado de "Mesas do Castelinho, Almodôvar»». In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 305-319.

Khawli, A. (1994) - «A mão de Fátima e a sua representação na arte hispano-muçulmana. Cerâmica estampilhada de Mértola». In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla, 1993*. Huelva, Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, Universidad de Huelva. ISBN 84-604-9615-5. Pp. 606-618.

Lafuente, P. (1999) - «La cerámica». In *Sevilla almohade. Catálogo de la Exposición*. Sevilla: Fundación de las Tres Culturas del Mediterráneo. ISBN 84-8095-194-X. Pp. 207-224.

Lopes, C.; Alfenim, R. (1994) - «A vila romana do Monte da Cegonha». In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste. Huelva-Niebla, 1993*. Huelva: Universidad de Huelva. ISBN 84-604-9615-5. Pp. 485-502.

Lourenço, S. (2002) - «A ocupação medieval na rua Tenente Valadim, nº 1e 3 (Torres Novas)». *Nova Augusta. Revista de Cultura*. Torres Novas. nº 14 (2002) pp. 111-141.

Luzia, I. (1996) - «O espólio cerâmico da cerca do convento». *al-'ulya*. Loulé. ISSN 0872-2323. Nº 5 (1996) pp. 51-73.

Luzia, I. (2003) - *Cerâmicas islâmicas da Cerca do Convento / Loulé*. Loulé: Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, 2003. ISSN 0872-2323. 93 p.

Luzia, I. (2006) - «Primeiros dados para o estudo do sistema hidráulico islâmico de Loulé». *Xelb*. Silves. ISBN 972-8505-16-7. Nº 6 (2006) vol. I, pp. 83-92.

Macias, S. (1993) - «Moura na baixa idade média: elementos para um estudo histórico e arqueológico». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. Nº 2 (1993) pp. 127-157.

Maia, M.; Maia, M. (2002) - «As Muralhas Medievais e Pós Medievais de Tavira». In *Património Islâmico dos Centros Urbanos do Algarve: Contributos para o Futuro. Comunicações Apresentadas nos Seminários de Faro, Tavira e Loulé*. Faro: CCRA Algarve. ISBN 972-643-125-5. Pp. 66-80.

Martín, M. T. *et Alii* (1987-1988) - «Resultado de los análisis químico y mineralógico de las cerámicas almohades del yacimiento de La Encarnación (Jerez de la Frontera)». *Estudios de Historia y Arqueología Medievales*. Cádiz. vols. VII-VIII (1987-1988) 197-207.

Matos, J. L. (1983) - «Malgas árabes do Cerro da Vila». *O Arqueólogo Português*. Lisboa. ISSN 0870-094X. Série IV, vol. I, (1983) pp. 375-390.

Matos, J. L. (1986) - «Céramique musulmane du

- Sud de Portugal». In *Segundo Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*. Toledo, 1981. Madrid. ISBN 84-505-5832-6. Pp. 149-154.
- Matos, J. L. (1991) - «Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila». In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Lisboa 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Pp. 429-456.
- Matos, J. L. (1994a) - «Escavações arqueológicas nos Claustros da Sé de Lisboa». *Al-Madan*. Almada. ISSN 0871-066X. 2ª Série, nº 3 (1994) pp. 108-109.
- Matos, J. L. (1994b) - «Lisboa da Idade Média ao terramoto». In *Lisboa Subterrânea: Catálogo da exposição*. Lisboa. Pp. 236-238.
- Meulemeester, J.; Grangé, M.; Dewulf, J. (2006) - «Novos dados sobre o povoamento altomedieval na Serra de Monchique (séc. VI-IX): Intervenção arqueológica no Cerro do Castelo do Alferce, Monchique, Faro (2004)». *Xelb*. Silves. ISBN 972-8505-16-7. Nº 6 (2006) vol. I, pp. 261-280
- Navarro Palazón, J. (1986) - *La cerámica esgrafiada andalusí de Murcia*, Madrid: Publications de la Casa de Velázquez.
- Paixão, A.; Carvalho, A. (2001) - «Cerâmicas almodas de al-Qar al-Fath (Alcácer do Sal)». In *Garb Sítios islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa / Mérida: IPPAR / Junta de Extremadura. ISBN 972-8087-91-8. Pp. 199-229.
- Paulo, D. (2000) - *A Casa Islâmica. The Islamic House*. Faro: Câmara Municipal de Faro.
- Picard, C. (1997) - *L'Océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade. Navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal-Espagne-Maroc)*. Paris : Maisonneuve e Larose/Éditions Unesco.
- Ponte, S.; Ferreira, R.; Miranda, J. (2002) - «Intervenção Arqueológica no Castelo de Tomar». In *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (5000-1500)*. Actas sobre o Simpósio Internacional sobre Castelos. Lisboa / Plamela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. ISBN 972-772-308-X. Pp. 423-438.
- Ramalho, M. et Alii (2001) - «Vestígios da Santa-rém Islâmica – Um silo no Convento de S. Francisco». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. Nº 7 (2001) pp. 147-183.
- Rego, M. (1994) - «Investigações arqueológicas no Castelo de Noudar». In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste*. Huelva-Niebla, 1993. Huelva: Universidad de Huelva. . ISBN 84-604-9615-5. Pp. 37-53.
- Rego, M. (2003) - «A ocupação Islâmica de Noudar». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. Nº 8 (2003) pp. 69-82.
- Retuerce, M. (1986) - «Cerâmica islâmica de Cidade das Rosas, Serpa (Portugal)». In *Segundo Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*. Toledo, 1981. Madrid: Ministerio de Cultura, 1986. ISBN 84-505-5832-6. Pp. 85-92.
- Retuerce, M. (1998) - *La cerámica andalusí de la Meseta*. Madrid: Ed. CRAN. 2 tomos. ISBN 84-89145-05-9.
- Retuerce, M.; Juan, A. (1999) - «La cerámica almohade en verde y manganeso de la meseta». *Arqueología y territorio medieval*. Jaén. ISSN 1134-3184. Nº 6 (1999) pp. 241-260.
- Rosselló Bordoy, G. (1991) - *El nombre de las cosas en al-Andalus: Una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Sociedad Arqueológica Luliana y Museo de Mallorca, 1991. ISBN 84-86815-25-8.
- Rosselló Bordoy, G. (1992) - «La cerámica en al-Andalus». In *Al-Andalus. Las artes islámicas en España*. Madrid: El Viso. ISBN 84-86022-63-0. Pp. 97-103.
- Silva, C.; Gomes, R. (2002) - «Primeiros resultados das escavações arqueológicas no Castelo de Aljezur». In *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (5000-1500)*. Actas sobre o Simpósio Internacional sobre Castelos. Lisboa / Plamela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. ISBN 972-772-308-X. Pp. 347-356.
- Silva, L.; Mateus, R. (1991) - *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Lisboa, 16-22 de Novembro de 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

- Teichner, F. (1994a) - «Acerca da Vila Romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe». *Arqueologia Medieval*. Porto. ISSN 0872-2250. N.º 3 (1994a) pp. 89-100.
- Teichner, F. (1994b) - «Évora. Vorbericht über die Ausgrabungen am Römischen Tempel (1986-1992)». *Madriener Mitteilungen*. Mainz. ISBN 3-8053-1586-4. N.º 35 (1994b) pp. 336-358.
- Torres, C. (1986a) - «Um lote cerâmico da Mértola Islâmica». In *I Congreso de Arqueología Medieval Española. Huesca, 1985*. Zaragoza. ISBN 84-505-4756-3. T. IV, pp. 193-228.
- Torres, C. (1987) - *Cerâmica Islâmica Portuguesa. Catálogo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Torres, C. (1988) - *Mértola Almoravide et Almohade. Catalogue*. Mértola: Ministère des Affaires Culturelles du Royaume du Maroc et Câmara Municipal de Mértola.
- Torres, C. (2004) - *O Vaso de Tavira*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-22-4.
- Torres, C. et Alii (1991) - «Cerâmica islâmica de Mértola. Propostas de cronologia e funcionalidade». In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa, 1987*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 497-536.
- Viana, A. (1959) - «Notas históricas arqueológicas e etnológicas do Baixo Alentejo». *Arquivo de Beja*. Beja. XVI (1959) pp. 3-48.
- Viana, A. (1960) - «Notas históricas arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola». *Arquivo de Beja*. Beja. XVII (1960) pp. 138-231.
- Viegas, C.; Arruda, A. M. (1999) - «Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. ISSN 0874-2782. Vol. 2, n.º 2 (1999) pp. 105-186.
- Zozaya, J.; Retuerce, M.; Aparicio, A. (1995) - «Cerâmica andalusí de reflejo dorado: 1195-1212». In *Actes du 5ème Colloque sur la Céramique Médiévale. Rabat 11-17 Novembre 1991*. Rabat. ISBN 9981-109-00-2. Pp. 121-124.

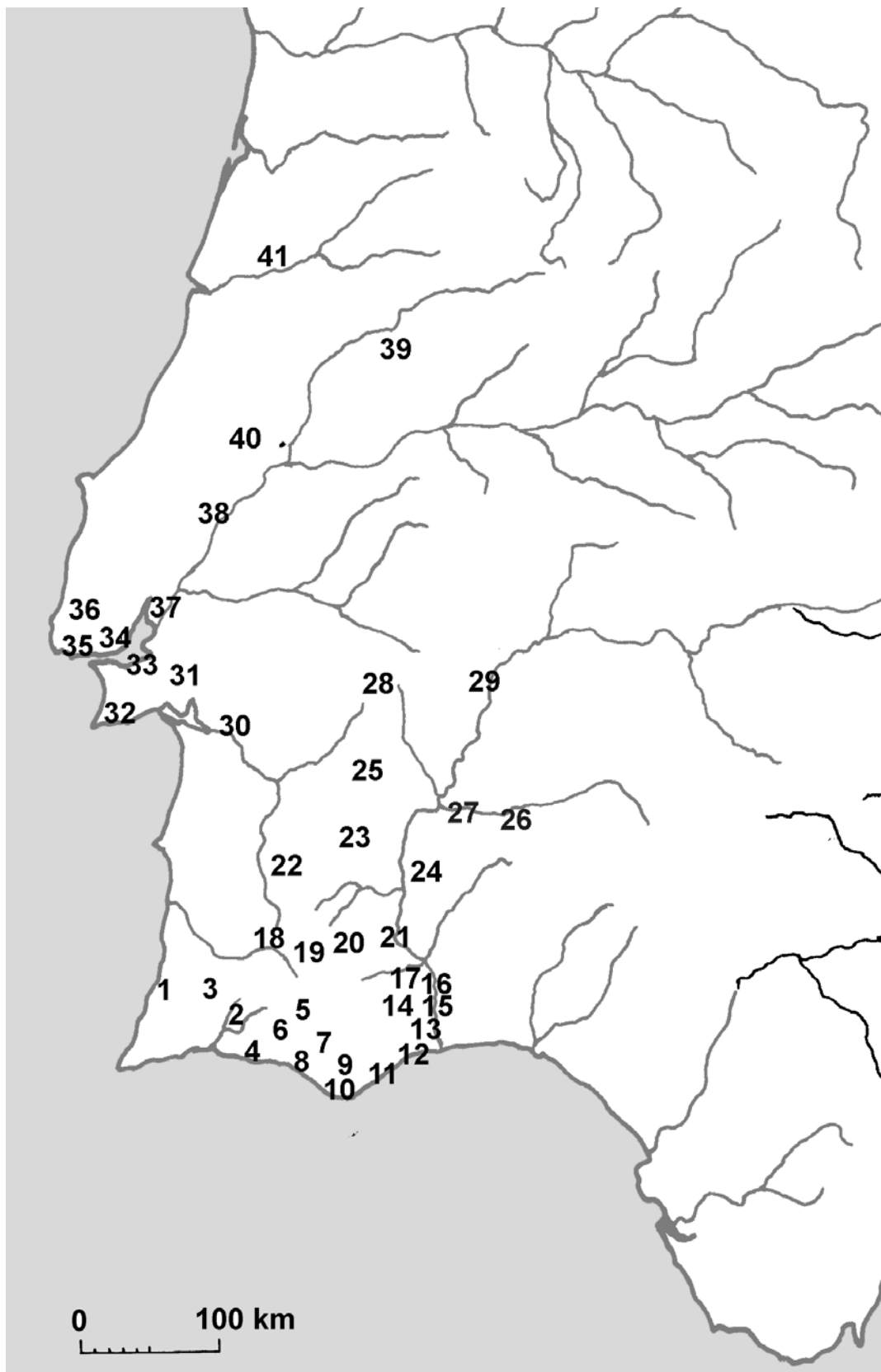


Fig. 1. Cerâmica do Gharb al-Ândalus. Sítios mais importantes: 1 Aljezur; 2 Silves; 3 Alferce (Monchique); 4 Albufeira; 5 Salir; 6 Paderne; 7 Loulé; 8 Vilamoura; 9 Milreu; 10 Faro; 11 Tavira; 12 Cacela Velha; 13 Vale do Boto; 14 Aldeia Queimada; 15 Montinho das Laranjeiras; 16 Alcoutim; 17 Castelo das Relíquias; 18 Castro da Cola; 19 Mesas do Castelinho; 20 Alcaria Longa; 21 Mértola; 22 Aljustrel; 23 Beja; 24 Serpa; 25 Monte da Cegonha; 26 Noudar; 27 Moura; 28 Évora; 29 Juromenha; 30 Alcácer do Sal; 31 Palmela; 32 Sesimbra; 33 Almada; 34 Lisboa; 35 Cascais; 36 Sintra; 37 Vila Franca de Xira; 38 Santarém; 39 Sertã; 40 Torres Novas; 41 Coimbra.

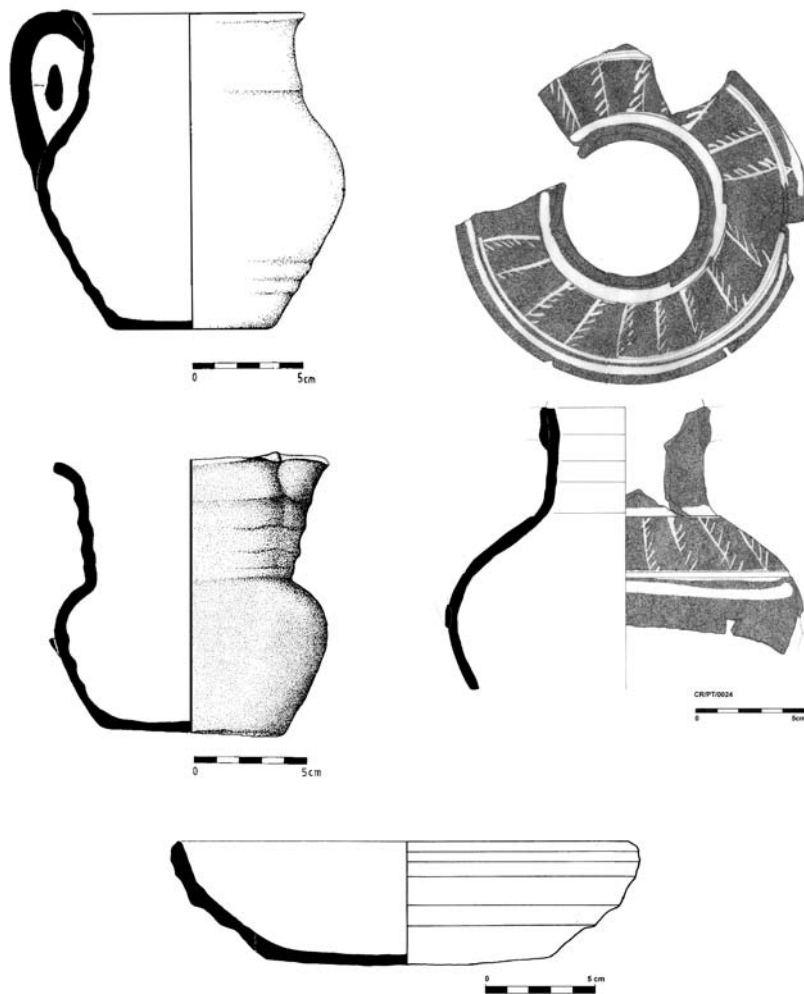


Fig. 2. Cerâmica emiral de Mértola (séc. IX-X).

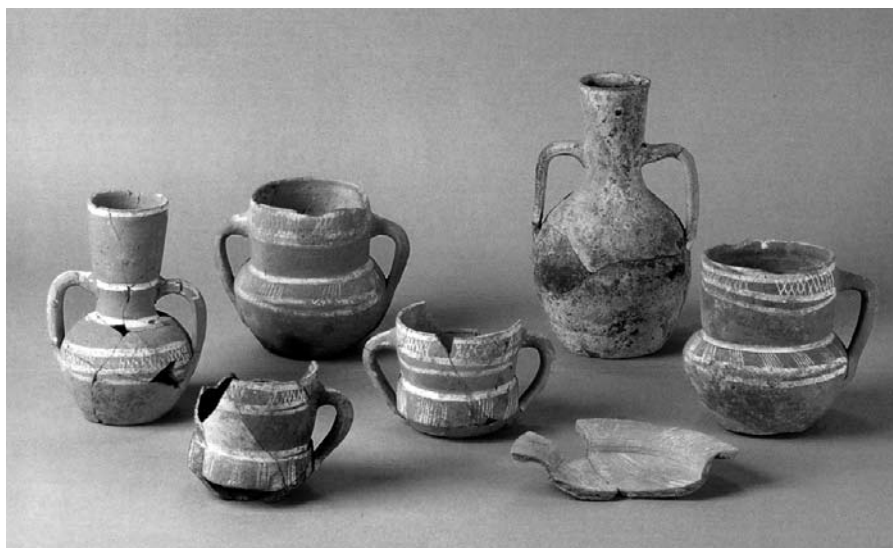


Fig. 3. Cerâmicas decoradas com pintura branca encontradas nas escavações do Castelo de Mértola (séc. X-XI).

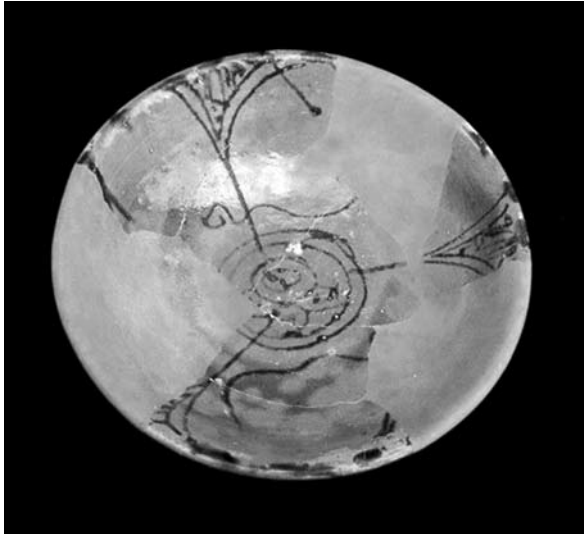


Fig. 4. Tigela decorada com vidro em melado e manganés encontrada nas escavações do Castelo de Mértola (séc. XI).



Fig. 5. Tigela decorada com vidro em branco e manganés encontrada nas escavações do Castelo de Mértola (séc. XI).



Fig. 6. Tigela decorada com vidro policromo em verde e manganés encontrada nas escavações da Biblioteca Municipal de Mértola (séc. XI).



Fig. 7. Copo decorado em corda seca parcial encontrado nas escavações do Castelo de Mértola (séc. XI).

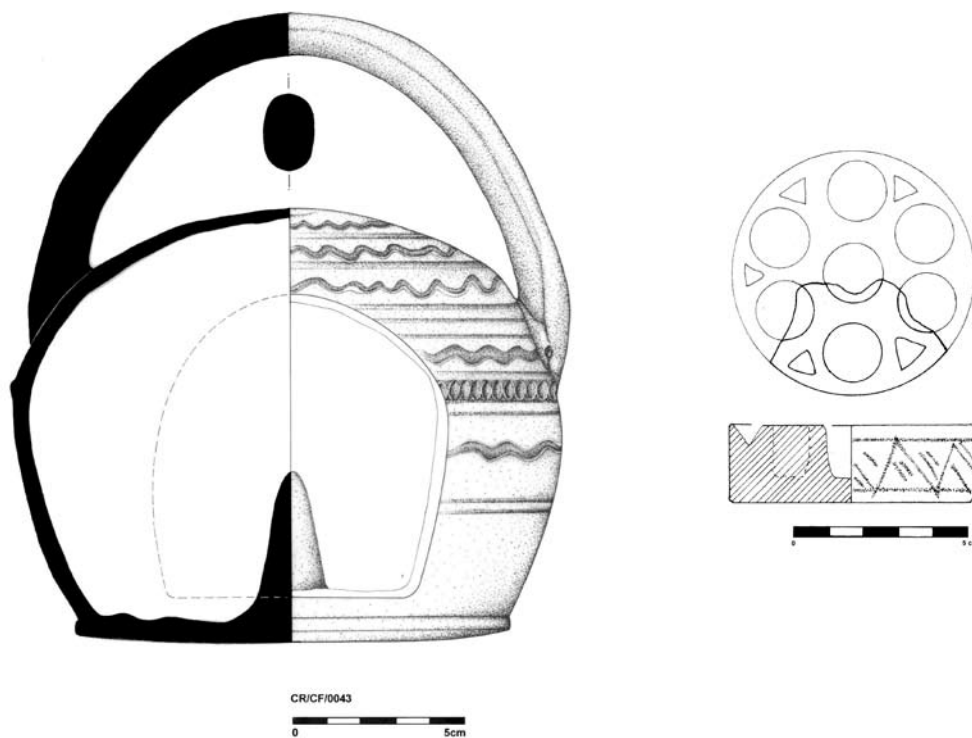


Fig. 8. Fanal e tinteiro encontrados nas escavações da Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).

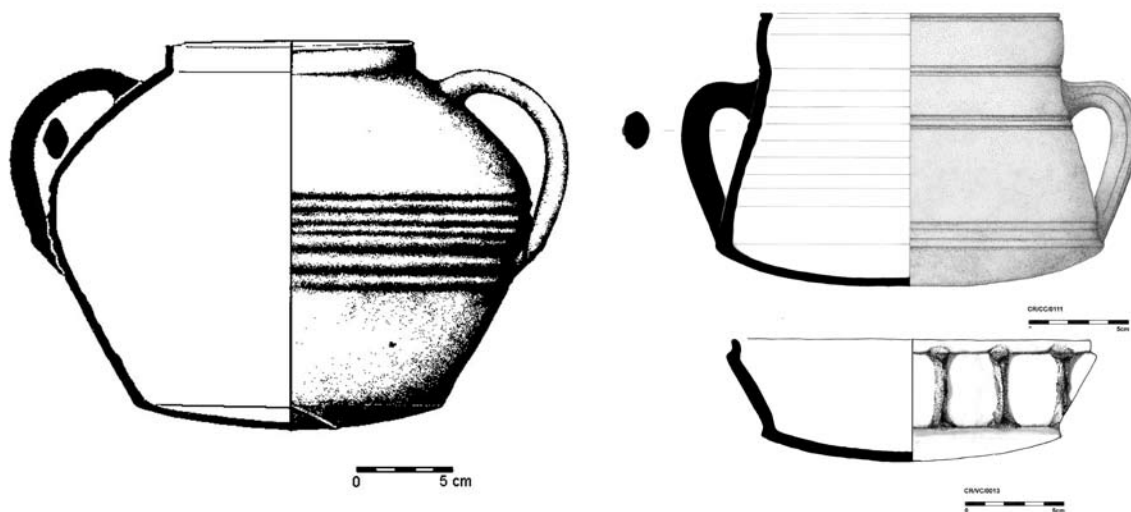


Fig. 9. Panelas e caçoilas encontradas nas escavações da Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).



Fig. 10. Talha decorada com motivos estampilhados sob o vidro verde encontrada nas escavações da Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).



Fig. 11. Jarra decorada com motivos incisos sob o vidro verde encontrada nas escavações da Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).



Fig. 12. Jarra decorada com motivos em reflexo metálico aplicados sobre relevo executado com molde encontrada nas escavações da Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).

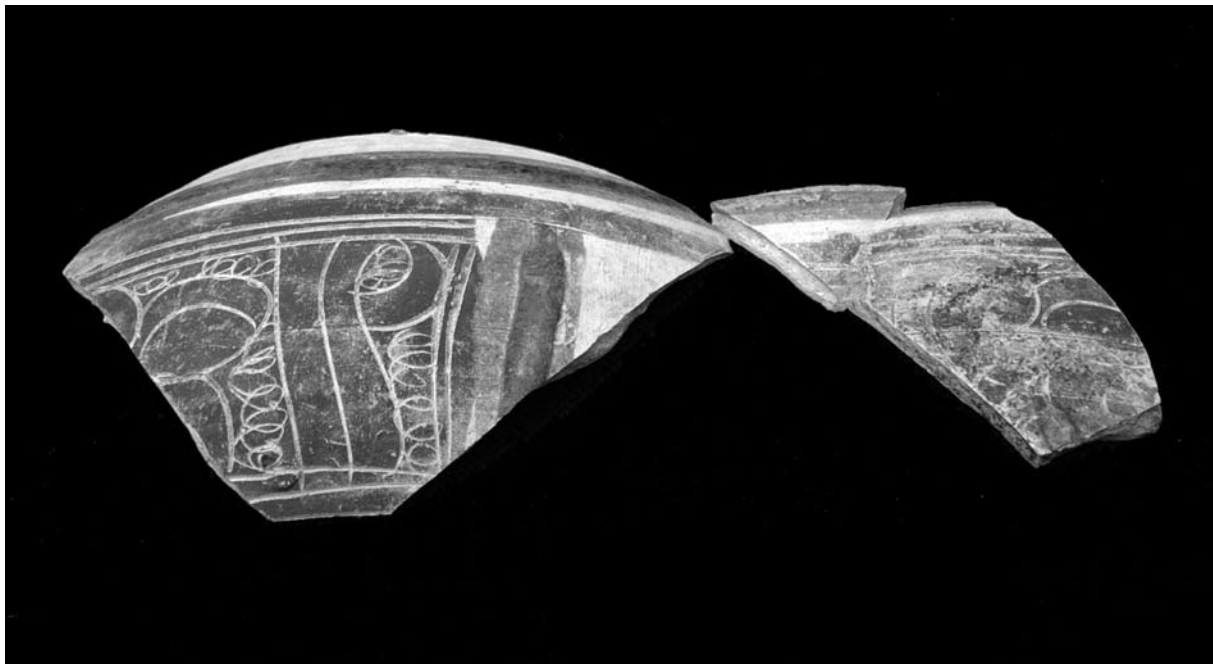


Fig. 13. Fragmentos de uma jarra decorada em esgrafitado combinado com vidrado monóculo a modo de corda seca parcial encontrada nas escavações da Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).



Fig. 14. Cantil decorado com pintura de manganés representando figuras humanas encontrado em Silves (séc. XII-XIII).



Fig. 15. Tigela decorada com vidrado em melado e manganés encontrada nas escavações da Biblioteca Municipal de Mértola (séc. XII-XIII).

